NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / JANEIRO 1952 / N.º 91

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇOES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

O regresso à unidade dos nossos irmãos separados — Arcebispo de Cízico 1

A Santa Missa segundo o rito Bizantino e Latino 3

Anseio do Santo Padre... 12

...pelo regresso dos nossos irmãos 13

Problemas da cristandade — F. C.-A. J. 14

A união das igrejas — J. C. 20

Crónica 23

A todos os nossos assinantes muito agradeceríamos a amabilidade de nos enviarem directamente o preço da assinatura, evitando-nos assim a cobrança postal que a todos exige maior despesa.

A ADMINISTRAÇÃO

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA
A casa mais antiga do País no seu género
(FUNDADA EM 1832)
Rua da Vitória, 82 a 88 — Rua do Ouro, 166 a 170
Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais
INSTALAÇÕES
SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES
TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"
VINHO PARA MISSAS
com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA
PÔRTO — Rua das Flores, 69
LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

Livraria e Papelaria Moderna — Machado & Ribeiro, L.da — Livraria Católica Portuense
LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156
Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos
Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc.
Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50 — Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 — Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00
Material escolar — Peçam catálogos indicando o género de livros

O REGRESSO Á UNIDADE
DOS NOSSOS IRMÃOS SEPARADOS

Celebra-se no mês de Janeiro de cada ano, há certo tempo para cá, um «Oitavário» pelo regresso à união com a Cadeira de S. Pedro dos cristãos separados, união tão desejada pelos Sumos Pontífices, e pela qual deveriam rezar e interessar-se todos os católicos.

Conheci na Índia, pouco depois da sua união com Roma, dois Bispos Mar Ivanios e Mar Theophilos, que até ali pertenciam à seita dos Jacobitas do Malabar, cristãos separados de Roma, e unidos a um chefe cristão de Alexandria do Egipto.

Contou-me Mar Ivanios, que ainda vive, e que depois da sua união com Roma recebeu o Pálio das mãos do Romano Pontífice, sendo feito Arcebispo de Trivandrum, os passos da sua conversão.

Fazia-lhe impressão, dizia ele, o não encontrar na Igreja Jacobita uma autoridade suprema, que decidisse em última instância as dúvidas em matéria de fé. Procurou em vão essa autoridade entre os protestantes, que verificou estarem mais afastados ainda do que os Jacobitas, desse ideal que o atraia.

Depois estudou a doutrina católica, e aí encontrou o que a sua alma desejava. Como era professor universitário em Madrasta, teve oportunidade para se dedicar a estes estudos, e foi muitas vezes à Catedral de Meliapor, que é afinal a parte sul da mesma cidade de Madrasta, rezar junto do túmulo do apóstolo S. Tomé, a pedir luz e auxílio no meio das torturas espirituais em que viveu, até à sua conversão ao catolicismo.

Agora as dificuldades para dar o passo da sua união com Roma. Os Jacobitas tinham-no feito Bispo de uma das Dioceses Jacobitas do Malabar, e a perspectiva que tinha diante de si, se os deixasse, para se unir com Roma, era a da fome e da miséria. Mas a tudo se sujeitou para dar esse passo, que a sua consciência lhe exigia.

Fez-lhes saber que ia unir-se a Roma, e a resposta foi tirarem-lhe a igreja, a casa da sua residência episcopal, despojarem-no das suas insígnias episcopais e abandoná-lo à maior miséria.

Ampararam-no os católicos, que o receberam com estima, e confortou-o o facto de o acompanhar na conversão desde a primeira hora um outro Bispo Jacobita Mar Theophilos, que tinha sido seu aluno na Universidade de Madrasta.

Depois da união com Roma destes dois Prelados, outros Bispos Jacobitas, seguidos pelos seus Padres e pelo seu povo, se uniram com Roma, estabelecendo no Malabar uma grande corrente de simpatia pela Igreja Católica, a única verdadeira Igreja de Cristo.

Se na sua infinita misericórdia, Deus Nosso Senhor tocasse os corações dos orientais, separados da verdadeira Igreja, e os fizesse entrar no único redil de Cristo, que enormes vantagens resultariam desta união!

O Santo Padre Leão XIII, numa sua Alocução, em 2 de Março de 1895 dizia a este respeito: «quanta glória resultaria dessa união para o Pastor eterno das almas, que vigor e esplendor novo viria difundir em toda a Igreja católica essa união, e que suave eficácia iria exercer sobre os irmãos separados de outras regiões, que fecundidade levaria ao Oriente cristão na Hierarquia, no clero, nos monges e no povo».

E afinal as Igrejas orientais estão próximas de nós, porque têm não só o mesmo Baptismo mas têm todos os sete sacramentos, como nós.

Se um católico à hora da morte, não tem um Padre católico que lhe administre os últimos sacramentos, Penitência, Eucaristia e Santa-Unção, não havendo perigo de escândalo ou de apostasia, a Igreja católica admite que ele receba os últimos sacramentos das mãos de um Padre «ortodoxo». Os orientais têm Bispos e Padres vàlidamente ordenados, têm a tradição ascética e espiritual da Igreja antiga e a vida monástica. Têm uma devoção profunda a N.ª Senhora, e foi no Oriente que as prerrogativas d'Ela foram definidas e celebradas em Concílios tão notáveis. Falta-lhes a adesão ao Sumo Pontífice que é o selo da unidade da Igreja.

Rezemos pela conversão dos nossos irmãos separados, amemo-los em Cristo, peçamos a N.ª Senhora de Fátima que suscite entre os orientais os apóstolos da união desses cristãos do Oriente no único redil de Cristo com os seus irmãos do Ocidente. Corresponderemos assim ao desejo ardente do sucessor de S. Pedro, o Santo Padre Pio XII, Vigário de Cristo.

† Manuel Maria, Arcebispo de Cízico

A SANTA MISSA SEGUNDO O RITO BIZANTINO E O LATINO

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS (*)

I — Conspecto geral:

Em princípio uma missa segundo o rito bizantino e o rito latino são a mesma coisa: a repetição da Ceia, o contacto entre o Céu e a Terra, a comunicação de Deus aos homens. Ùnicamente difere o modo de expressão desta verdade transcendente. Quanto ao aspecto exterior verifica-se que a missa bizantina é mais pitoresca, mais poética, mais «épica» e viva do que a latina reflectindo esta a sobriedade, o equilíbrio, a clareza e a precisão próprias do génio romano. Para os bizantinos como para todos os orientais, a igreja e o ofício divino significam o mundo invisível «presente» no meio de nós — para os latinos a obra humana mais perfeita que o homem consagra ao seu Deus. Mas a magnificência da Missa bizantina não recorda sòmente a presença de Deus. Tudo o que se encontra no Santuário e aí se desenrola é um símbolo, um reflexo do invisível. Os ornamentos, os objectos e todas as cerimónias têm significado simbólico. Por exemplo o altar é o trono de Deus; o altar dos sacrifícios é o túmulo de Cristo; o disco (patena) simboliza o presépio de Belém bem como o lugar da Paixão; as duas «Entradas» (procissão com o evangeliário e os Dons) significam a presença de Cristo no mundo no decurso da Sua Vida pública e da Sua caminhada para o Calvário assim como as duas procissões solenes de que fala o Apocalipse.

(*) Este artigo foi escrito expressamente para «Novellae Olivarum» por um sacerdote do Colégio Pontifício Russo.

Com este simbolismo encontramos um outro elemento que também já conhecemos nas religiões orientais de mistérios. O fim destas era a identificação do homem com o seu Deus. A missa bizantina assemelha-se a um drama: juntamente com a vida terrestre do Salvador e a Sua obra de Redenção revela-nos a Jerusalém Celeste em que os fiéis participam, em companhia dos santos da glória de Deus. Não é o sacerdote mas Deus e sobretudo o Espírito Santo que age (concepção ortodoxa da epiclese). Além disso os fiéis não se ficam no plano de espectadores atentos mas a sua participação é activa.

Recitam, sós ou em comum com o Diácono, cânticos ou orações, que são partes integrantes da Missa. A língua litúrgica é compreendida por todos e serve de ligação viva para unir toda a comunidade. Deste modo, a Missa bizantina realiza a unidade universal de todos em Deus.

Quanto aos textos da liturgia bizantina, temos dois formulários: o que é chamado «liturgia de S. João Crisóstomo» e o que é atribuído a S. Basílio. Diferem muito pouco entre si.

Em geral é utilizado o primeiro; a «liturgia de S. Basílio» não é utilizada senão 10 vezes por ano. A liturgia dos «Presantificados», atribuída ao Papa S. Gregório Magno, é celebrada durante a Quaresma, exceptuando os sábados, domingos e alguns dias festivos. Pode comparar-se à Missa da Sexta-Feira Santa entre os latinos.

Consiste numa síntese das Vésperas, da Missa dos Catecúmenos e da segunda parte da missa até à «grande entrada».

Quanto às orações, há que distinguir, segundo a forma: as ladaínhas, as doxologias, os cânticos e as orações feitas em voz baixa pelo sacerdote.

Quanto ao número, as ladaínhas ocupam o primeiro lugar. Há ladaínhas para a obtenção dos dons celestiais e temporais, pelos vivos e pelos defuntos, pela Hierarquia, e por todas as necessidades da vida.

O diácono canta as orações, e por cada uma, o coro responde: «Tende piedade» ou «concedei Senhor» ou «Amen». Na Eslováquia, na Roménia e em algumas regiões da Rússia, em vez do coro, responde toda a assembleia dos fiéis.

Dum modo geral, as ladaínhas terminam com um louvor à Virgem e aos Santos. Durante as ladaínhas, o Sacerdote recita *orações em voz baixa,* que correspondem ao conteúdo destas e junta, quase sempre,

uma doxologia. Em determinadas ocasiões, pronuncia muitas outras doxologias, o que dá à Missa bizantina um carácter particularmente trinitário. Raras são as outras orações pronunciadas em voz alta pelo sacerdote.

Enfim, os *cânticos,* hinos («tropários e kondaks»), antífonas e versículos, são em grande parte dos casos, da autoria de Santos (por exemplo o canto em honra da Virgem é de S. Cosme). São cantados ou pelo leitor, ou pelo coro ou por toda a comunidade.

Como *língua litúrgica* usa-se geralmente o grego ou o eslavo, mas nas regiões em que o povo não compreende essas línguas, podem empregar-se outras, mesmo línguas modernas. Isto é de uma grande vantagem. A Missa privada (no sentido latino da palavra) é desconhecida entre os bizantinos. Enfim, se houver vários Sacerdotes na mesma paróquia, de um modo geral celebram todos em conjunto uma única Missa no mesmo altar (concelebração).

Contudo a Missa latina também tem as suas vantagens: é mais simples, mais semelhante à última Ceia e enfim, é mais prática.

2) Comparação entre a estrutura das orações e as cerimónias principais

A Missa de rito bizantino compõe-se de três partes: a preparação (proscomidie), a ante-missa (liturgia dos catecúmenos) e a Missa dos fiéis, simbolizando as três fases da Economia da Salvação: O Antigo Testamento, a Vida Terrestre do Salvador e a Obra da Redenção.

a) *A Preparação (Proscomidie):*

Depois das orações iniciais e dos tropários penitenciais diante da iconostase, que fazem lembrar o «confiteor», o Sacerdote e o Diácono dirigem-se ao Santuário, revestindo os paramentos e preparando, na prótese, os elementos do sacrifício.

A preparação do pão é dum simbolismo particularmente profundo.

Figura a imolação do Cordeiro no Calvário. O Sacerdote corta da prosphora [1] a parte superior, que simboliza o Cordeiro, coloca-a no

(1) Prosphora é um pequeno pão fermentado com a parte superior toda coberta de iniciais. Só esta parte superior será consagrada.

diskos (patena), e põe à sua volta pequenos bocados, figurando os Santos, a Hierarquia, os vivos e os defuntos.

Depois da incensação da prótese, o Sacerdote recita uma oração que se assemelha ao ofertório da Missa latina. Em seguida recitam-se as últimas orações de preparação, enquanto se faz a incensação do Santuário, das imagens da iconostase, e da Igreja. Isto pode comparar-se à incensação do Intróito, nas Missas solenes de rito latino.

A proscomidie, no seu conjunto, enquanto preparação das ofertas do Sacrifício, não tem correspondência na Missa latina, (contudo no começo da Missa dos Dominicanos e da Missa Lionesa, há uma preparação um pouco semelhante).

b) *A Missa dos Catecúmenos:*

Depois de uma doxologia (invocação à Santíssima Trindade) pronunciada pelo Sacerdote, o diácono canta com o coro as ladaínhas cada uma das quais é seguida por uma antífona. À segunda está anexo o hino da Encarnação. Durante a Pequena Entrada (transporte solene do Evangeliário), o coro canta um versículo em honra de Cristo Ressuscitado e os tropários do dia (²). Depois do impressionante canto do «Trisagion», o leitor canta o «prokimen» (³) e a Epístola, e o diácono, depois de ter incensado o Santuário e a nave, o Evangelho. Das duas ladaínhas que se seguem, a primeira consta de orações pelos fiéis, e a segunda de orações pelos catecúmenos. Em seguida estes são despedidos pelo Diácono.

A fórmula do «Trisagion» canta-se também no rito latino na Missa dos Pressantificados, em Sexta-Feira Santa. Quando é terminada a leitura da Epístola, depois do «Pax tecum» do Sacerdote, o leitor lê alguns versículos da Sagrada Escritura intercalados entre os três «Alleluia» do coro. Isto é o equivalente do Gradual e do Alleluia latinos.

Do mesmo modo a oração em voz baixa recitada imediatamente antes do Evangelho, corresponde ao «Munda cor meum», e igualmente encontramos numa analogia com o «gloria tibi, Domine» e o «Laus tibi, Christe» na fórmula «glória a Vós, Senhor, glória a Vós!». Enfim a tríplice repetição do «Senhor tende piedade» «Góspodi pomílui), durante a ladaínha «ardente» faz lembrar o «kyrie eleison».

(²) Equivalente das orações.
(³) Equivalente do Intróito.

c) *A Missa dos Fiéis:*

Antes de mais, convém fazer um resumo dos principais actos desta parte:

— duas ladaínhas pelos fiéis;
— a «grande entrada» ou procissão em que se transportam para o altar as ofertas sagradas, durante o cântico dos Querubins. Segue-se-lhe a ladaínha e o ofertório;
— o ósculo da paz e o símbolo dos Apóstolos;
— a «Anáfora» ou oração eucarística: prefácio, trecho da instituição do Santíssimo Sacramento, «Anamnese» e «Epiclese»;
— comemoração dos vivos e dos defuntos;
— comunhão: ladaínha, Pater Noster, pequena elevação, «fracção», «mistura», comunhão, acção de graças;
— conclusão da Missa.

Nesta terceira parte nota-se uma grande semelhança com a missa latina.

A oração que o Sacerdote lê em voz baixa, durante a *segunda ladaínha,* é muito semelhante ao «Orate fratres».

A grande Entrada, que se pode comparar ao transporte das Oblatas pelo Celebrante, é mais solene, principalmente por causa do Cântico dos «Querubins», cuja grave melancolia impressiona profundamente. A oração em voz baixa, recitada pelo Sacerdote quando da volta ao Santuário (durante a ladaínha) faz lembrar o «suscipe Sancte Pater». Eis o texto: «Senhor, Deus omnipotente, que só Vós sois Santo, e que recebeis o sacrifício de louvor dos que vos invocam de todo o coração, aceitai também a nossa oração, de nós pobres pecadores e fazei-nos aproximar do vosso santo altar; fazei-nos dignos de Vos oferecer dons e vítimas espirituais pelos nossos pecados e pelos do Povo e concedei-nos que encontremos graça diante de Vós, a fim de que o nosso sacrifício Vos seja agradável; e fazei repousar o Vosso Espírito de graça, Vós que sois Bom, sobre nós e sobre estas ofertas aqui preparadas, e sobre todo o Vosso povo».

O ósculo da paz: o Sacerdote beija as ofertas, o Altar (e os concelebrantes). O Credo (símbolo de Niceia — Constantinopla) é cantado pelo povo enquanto o Sacerdote agita lentamente o véu das oblatas sobre o cálice e sobre a patena (símbolo da descida do Espírito Santo).

No começo do «*Prefácio*», temos um diálogo muito semelhante ao

da Missa latina: «que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Amor de Deus Pai, e a Comunhão do Espírito Santo estejam com todos nós!» — «E com o vosso espírito!» — «Corações ao alto!» — «Temo-los dirigidos para o Senhor!» — «Demos graças ao Senhor» — «É digno e justo adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível». E o Sacerdote continua em voz baixa: «É digno e justo que Vos cantemos e Vos bendigamos, e Vos louvemos, e Vos demos graças e Vos adoremos em todo o lugar de Vosso domínio. Pois Vós sois um Deus inefável, incompreensível, invencível, inatingível, existindo sempre, permanecendo o mesmo, Vós e o Vosso Filho Unigénito e o Vosso Espírito Santo. Vós nos trouxestes do nada à existência, Vós nos reelevastes depois da queda, e não deixais de fazer tudo para nos levar para o Céu e nos dar o Vosso futuro Reino. Nós Vos damos graças por todos estes benefícios, a Vós, e ao Vosso Filho Unigénito e ao Vosso Espírito Santo, por tudo o que sabemos e por tudo o que não sabemos, por todos os Vossos benefícios para connosco, tanto os que são conhecidos como os que o não são. Nós Vos damos graças também por este Sacrifício que Vos dignastes receber das nossas mãos, Vós que sois assistido por milhares de Arcanjos, dezenas de milhares de Anjos, pelos Querubins e pelos Serafins de seis asas, de numerosos olhos, sublimes, alados».

Depois, enquanto o coro canta o *Sanctus,* o Sacerdote recita uma oração à Santíssima Trindade, que termina pelo trecho da instituição da Eucaristia. Canta em voz grave e lenta as palavras «Tomai e comei... Bebei todos...» às quais o povo por cada vez responde «Amen» (como manifesta profissão de fé nos mistérios). Durante as palavras da consagração o Sacerdote designa com a mão as Sagradas Espécies.

Em seguida vem a «Anamnese» que é o equivalente quase literal do «Unde et memores». Durante as palavras do Sacerdote «em tudo e por tudo, nós Vos oferecemos o que é Vosso, de aquilo que é Vosso», o diácono levanta o «Diskos» (patena) e o cálice contendo as Sagradas Espécies. Em seguida o coro canta o hino de acção de graças ao Senhor, enquanto o Sacerdote, durante este tempo, recita a «*Epiclese*», ou invocação do Espírito Santo pedindo que transforme o Pão e o Vinho no Corpo e no Sangue de Cristo. Os ortodoxos pretendem que é nesse momento que se conclui a consagração. Segundo a concepção católica, a Epiclese tem puramente um carácter simbólico, significando a parte do Espírito Santo na consagração. Eis o texto:

— O Sacerdote: «Nós Vos oferecemos também este culto espiritual

e incruento, e Vos invocamos, Vos pedimos, Vos suplicamos que envieis o Vosso Espírito sobre nós e sobre estas Ofertas colocadas sobre este Altar».

— O Diácono: «Senhor, abençoai o Pão Santo».

— O Sacerdote: «E fazei deste Pão o corpo precioso de Vosso Cristo».

— O Diácono: «Amen. Senhor abençoai o Santo Cálice».

— O Sacerdote: «E do que está no Cálice fazei o Sangue precioso de Vosso Cristo».

— O Diácono: «Amen. Senhor abençoai uma e outra coisa santa».

— O Sacerdote: «Transformando-as pelo Vosso Espírito Santo».

— O Diácono: «Amen. Amen. Amen».

— O Sacerdote: «A fim de que sejam para os que comungam a purificação da alma, a remissão dos pecados, a comunicação do Espírito Santo, a realização do Reino dos Céus e um título de confiança perante Vós, não um motivo de condenação».

Correspondendo ao «*Communicantes*» encontramos na «anáfora» bizantina a comemoração dos Santos, e mais especialmente da Santíssima Virgem. Incensando as Sagradas Espécies, o Sacerdote convida o povo a cantar o doce tropário marial, exaltando as grandezas de Maria (um grande número de festas tem aqui um «hirmos» ou hino especial).

O «*Memento*» dos defuntos e dos vivos é um pouco mais pormenorizado que o latino e termina por uma doxologia. A ladaínha seguinte é um resumo das orações precedentes e pede em particular o perdão dos pecados e a Paz.

O «*Pater Noster*» é precedido duma oração recitada pelo Sacerdote e seguida duma doxologia:

«Porque é a Vós que pertence a Realeza, a Força e a Glória, Pai, Filho e Espírito Santo agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amen». Em seguida voltando-se para o povo, abençoa-o: «Que a Paz seja convosco» (pax Vobis). E o povo: «E com o vosso espírito» (et cum spiritu tuo). Depois o diácono: «Inclinai as vossas cabeças diante do Senhor» (humiliate capita vestra Deo). E o povo: «Diante de Vós, Senhor». O Sacerdote recita então a oração da «inclinação» (significando a acção de graças) e conclui por uma doxologia.

A elevação e a *comunhão* do Sacerdote (ou Sacerdotes) e do diácono não são visíveis para o povo.

Correu-se a cortina. O Sacerdote elevando o Santo diskos (patena) exclama: «As coisas Santas aos Santos!» e o coro responde: «Não há senão um só Santo, um só Senhor: Jesus Cristo na glória de Deus Pai.

Amen. Louvai o Senhor nos Céus, louvai-o nas alturas. Aleluia. Aleluia. Aleluia». Então o Sacerdote parte a Hóstia em quatro fragmentos, enquanto pronuncia: «É partido e distribuído o Cordeiro de Deus, o Filho do Pai, Ele que é partido sem ser dividido, Ele que é comido por todos e nunca é consumido, mas que santifica todos os que d'Ele participam».

Em seguida dispõe os quatro fragmentos sobre o diskos, em forma de cruz, toma o fragmento superior, traça com ele um sinal da Cruz sobre o Cálice e deixa-o cair dentro (o significado da fracção do Pão e da mistura é mais místico que no rito latino). O rito que se segue é bem particular e próprio da liturgia bizantina: o diácono deita um pouco de água quente no cálice, significando a comunicação do Espírito Santo aos fiéis pela Comunhão.

Comunhão do Sacerdote e do Diácono: logo de começo, um e outro recitam as orações de preparação, análogas às do rito latino: «Senhor, eu não sou digno que Vós entreis na morada sórdida da minha alma... mas na Vossa Bondade e na Vossa Misericórdia, dignai-Vos admitir-me à comunhão do Vosso Corpo e do Vosso Sangue santíssimos (Domine non sum dignus). Ó Nosso Deus ponde de parte, destruí e perdoai-me os pecados que eu cometi com ou sem conhecimento, em palavras ou em actos... (grande semelhança com o «confiteor»). Que a participação nos Vossos Santos Mistérios, Senhor, não sejam para mim juízo e condenação, mas sirvam para a cura da minha alma e do meu corpo («perceptio Corporis Tui»).

Então o Sacerdote toma um bocado das Sagradas Espécies e comunga dizendo: «O precioso e Santíssimo Corpo de Nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo, é-me dado a mim N..., Sacerdote, para a remissão dos meus pecados e para a vida eterna» (Corpus Domini Nostri Jesu Christi custodiat...). Em seguida coloca na palma da mão do diácono um bocado das Sagradas Espécies, dizendo as mesmas palavras: «O precioso... a ti, diácono N...», depois comunga três vezes do Cálice e fazendo também beber três vezes ao diácono. A fórmula é igualmente idêntica ao «Sanguis D. N. J. C.».

Depois da comunhão do Sacerdote (ou Sacerdotes) e do diácono, este deita no Cálice os outros bocados das Sagradas Espécies. Abrem-se então as «Portas reais» e o diácono, levando o cálice, voltado para os fiéis, exclama: «Aproximai-vos com temor de Deus e com Fé», enquanto o povo responde: «Bendito seja Aquele que vem em nome do Senhor. O Senhor é Deus e nos apareceu» (Benedictus qui venit in nomine Domi-

ni). O Sacerdote distribui a Sagrada Comunhão com o auxílio de uma colherinha, dizendo a fórmula atrás indicada.

Também os fiéis recebem a comunhão sob as duas Espécies. Durante a comunhão dos fiéis, o coro canta a antífona da comunhão: «Tomai o Corpo de Cristo, saciai-Vos na Fonte Imortal. Aleluia. Aleluia. Aleluia» (esta antífona não tem equivalente latina).

Voltando ao Santuário, o diácono leva o diskos para a prótese enquanto o Sacerdote, depois de ter incensado três vezes o Cálice, abençoa com ele o povo. Durante a ladaínha de acção de graças, o Sacerdote recita, em voz baixa, uma oração correspondente e conclui com uma doxologia. O diácono começa então a consumir, na prótese, os restos das Sagradas Espécies.

Ao «Ite missa est» corresponde o diálogo entre o Sacerdote e o Diácono: «Vamos em paz!» — «Em nome do Senhor» — «Rezemos ao Senhor» — «Senhor tende misericórdia». O Sacerdote diante do ícone de Cristo recita em seguida uma oração em voz alta pela paz da Igreja, cantando então o coro por três vezes: «Que o nome do Senhor seja bendito agora e para sempre!».

No santuário o Sacerdote recita a oração final e abençoa o povo: «Que a bênção do Senhor desça sobre vós, pela Sua Graça e pelo Seu Amor aos homens, em todo o tempo, agora e sempre e por todos os séculos!».

Depois duma doxologia cantada pelo coro, o Sacerdote faz uma curta invocação a Cristo Ressuscitado e aos Santos, abençoando em seguida, pela última vez os fiéis que vêm beijar o Crucifixo e a sua mão e recebem um pedaço de pão bento (antidora). Durante este tempo o coro conclui com uma oração pela Hierarquia. (Note-se que a parte depois da comunhão é um pouco mais desenvolvida que no rito latino). Assim termina a Santa Missa.

BIBLIOGRAFIA

METROPOLITE SERAPHIM: «Die Ostkirche» Stuttgart — 1950, s. 231 ff.
ODO KASEL: «Die christliche Messopfer als Mysteriengeschehen (der christliche Osten)» — Regensburg — 1939, s. 59-74.
JULIUS TYCIAK: «Die Liturgie als Ruelle östlicher Frömmigkeit» — Fribourg i. Bv. 1937è s. 25-36.
MICHAEL TACHNISVILI: «Die byzant. Liturgie als Verwirklishung der Einheit und Gemeinschaft im Dogma» — Würzburg — 1939, s. 24-29.
«Liturgies Orientales» — BLOUD et GAY — 1942. NIKHOLSKI «Sources des Lois Liturgiques» St Pétérsbourg — 1907 (en langue russe) pp. 1-19; 355-381.

Anseio do Santo Padre...

Bem sabemos que um cúmulo de preconceitos inveterados opõe tenaz estorvo a que a prece de Jesus feita ao Eterno Pai na última Ceia pelos discípulos do Evangelho: «que todos sejam uma só coisa», obtenha a almejada realização. Mas sabemos também que é tão grande a força da oração, — quando os que oram com fé unem em fileiras compactas, — que pode mesmo arrastar montanhas e lançá-las ao mar. Queremos, pois, e muito desejamos que todos aqueles que têm a peito a volta ao abraço da unidade cristã — e ninguém que seja de Cristo tenha em pouco assunto de tanta importância — elevem preces e súplicas a Deus, autor da ordem, da unidade e da beleza, a fim de que os louváveis desejos de todos os bons sejam quanto antes realidade.

Os grilhões, as agonias, as torturas, os gemidos e o sangue daqueles que, conhecidos ou ignorados — e são multidão imensa — recentemente e ainda agora padeceram e padecem pela constância na virtude e pela profissão da fé a todos impelem, com voz cada dia mais retumbante, a que tornem ao santo amplexo da união da Igreja.

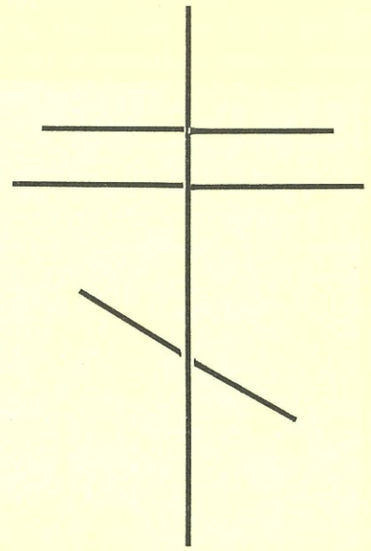


A esperança de que hão-de voltar os irmãos e filhos há tanto tempo separados desta Sé Apostólica, tornou-se mais forte pela áspera cruz dos martírios sanguinolentos de tantos outros irmãos e filhos. Ninguém estorve ou despreze a salutar acção de Deus!

(Enc. «Sempiternus Rex» de S.S. Pio XII a propósito do XV Centenário do Conc. de Calcedónia)

...pelo regresso dos nossos irmãos:

separados pela heresia
divididos pelo cisma



Os *heréticos* são Nestorianos ou Monofisitas consoante afirmem a existência de duas Pessoas em Cristo ou Lhe neguem a dualidade de Natureza. Datam estes erros do séc. V.

Os *cismáticos* reconhecem na aceitação do Primado do Papa e da infalibilidade pontifícia o maior obstáculo para a união. Preparado desde longo tempo por uma ambiência de reserva e desconfiança para com Roma, o cisma, esboçado por Fócio no séc. IX, consuma-se em definitivo no séc. XI com Cerulário.

Os *heréticos* encontram-se espalhados sobretudo naquelas regiões onde são seguidos os ritos: Armeno, Sírio, Caldeo, Maronita e Copta, calculando-se o seu número em 8.000.000 aproximadamente.

Os *cismáticos* contam-se entre os que seguem o rito Bizantino (e seus 8 sub-ritos) computando-se por 136.264.000 o seu número actual. Para a união se realizar não constituem os ritos obstáculo algum pois a sua conservação, como afirma Leão XIII, tem muita importância sendo a sua venerável antiguidade fonte de beleza. Só aquilo que é heresia ou motiva o cisma, se torna necessário remover. Tem sido essa a tarefa ingente do apostolado católico, avaliando-se em 1.090.000 o número dos que rejeitaram a heresia e em 8.250.000 os que abandonaram o cisma. Labor heróico o que se fez... mas limiar apenas do muito a realizar!

PROBLEMAS DA CRISTANDADE

ALGUMAS RESPOSTAS DE MONS. PAVEL MELETIEFF



MONS. PAVEL MELETIEFF CELEBRANDO EM FÁTIMA

«Nasceu em Arkangelsk em 1880. Foi durante algum tempo higoumeno (superior) de um mosteiro ortodoxo. Detido pelos Bolchevistas esteve preso durante 12 anos (7 dos quais na Ásia Central), Pouco depois da sua libertação foi nomeado Bispo de Briansk. Na última guerra voltou a ser ameaçado pelos Bolchevistas, e desta vez com a pena de morte, mas conseguiu sair da Rússia e encontrar refúgio na Alemanha, onde abraçou o Catolicismo, em 1946. Actualmente é Bispo Titular de Heracleópolis».

Não sabíamos mais nada dessa figura misteriosa que esteve entre nós no último Outubro por ocasião do Encerramento do Ano Santo.

Mas não podia ficar por aqui a curiosidade legítima de interrogar aquele em cujo semblante sereno e majestoso advinhávamos a paz interior de quem sempre encontrou uma certeza.

Não era só o tratar-se de um convertido. Estávamos em plena Mensagem de Fátima, que hoje aparece ao mundo intrìnsecamente relacionada com o destino religioso dos nossos irmãos comunistas. Por outro

lado, Sua Excelência Reverendíssima antes da conversão, Bisto Ortodoxo, estava em condições magníficas para nos esclarecer sobre algumas posições dos nossos irmãos orientais.

Surgiu uma dificuldade séria: não sabíamos russo, que por enquanto ainda não figura no programa do Seminário. Mas tivemos um auxiliar precioso na pessoa de um seminarista canadiano do Pontifício Colégio Russo, que se pôs ao nosso dispor com o máximo interesse.

Mesmo assim foi muito difícil. Mons. Pavel Meletieff queria meditar bem as nossas interrogações e à partida ainda não tínhamos a entrevista, ficámos só com a promessa de que nos seria enviada em breve.

E veio-nos de Roma, poucos dias depois, com uma carta amiga de um seminarista do Colégio Russo a desejar um intercâmbio com o nosso Seminário.

* * *

O conhecimento da «alma russa» chegou até nós através das obras dos grandes escritores russos do século XIX.

Deixaram-nos a impressão de uma grande melancolia e de uma religiosidade profunda. Mas sendo o comunismo tão radical e intransigente era natural que tivesse encontrado resistências da parte do povo russo...

Era o primeiro ponto do nosso questionário. E Sua Excelência Reverendíssima precisou:

— «O comunismo não atingiu e nunca poderá atingir a alma e o coração do povo russo. Jamais conseguiu roubar-lhe a fé em Deus e a sua estrutura religiosa. Só à custa de uma campanha enérgica de terror e violência é que o Bolchevismo conseguiu uma certa vitória exterior. Porque o povo russo, na grande maioria, permaneceu bom e religioso...».

— «Então será justo censurar em bloco o que se chama a U.R.S.S. comunista?».

— «De modo nenhum. Os russos não são bolchevistas. O povo russo não está de acordo com as maneiras de ver dos bolchevistas. Rejeita totalmente os pontos de vista do comunismo e no seu coração não há alicerces para essa doutrina».

— «Mas como se explica que o comunismo tenha conseguido apossar-se do poder e conservá-lo por tanto tempo?

— «Na origem de tudo, está a vontade de Deus. Ela vai-se realizando no mundo como a manifestação da Misteriosa Sabedoria de Deus

que no seu íntimo permanecerá sempre incompreensível, mas que se nos revela neste acontecimento dum modo especial, como a actualização da cólera divina para com os crimes da Humanidade.

Deus manda este flagelo aos homens para os experimentar. De um modo especial por causa dos males, dos pecados, das infidelidades e dos crimes do povo russo. E deixou cair sobre ele a provação suprema de um jugo tirânico e diabólico.

Humanamente falando, a segunda causa é um terror sem precedentes na História, e em tais proporções que revelam uma origem puramente satânica, como se se tivessem desencadeado contra este povo todas as potências infernais.

Uma vez que no coração russos não há base psicológica para este ateísmo materialista — como eu dizia há pouco — a violência teve de redobrar de intensidade.

Apesar da fúria do ataque, o povo russo continuou a lutar corajosamente durante longos anos e deu mostras de uma energia inquebrantável.

Um pequeno grupo de homens perversos começou a atrair a si cada vez mais adeptos criminosos, prontos a obedecer por um bocado de pão ou por uma parcela mínima de poder.

E assim a rede se estendia a pouco e pouco.

O povo, cada vez mais oprimido, via rios de sangue a correr sobre este pobre país. E esperava a cada instante, do Ocidente cristão, culto e civilizado, um socorro que nunca mais vinha.

Muito ao contrário, os países ocidentais, uns a seguir aos outros, iam reconhecendo o regime comunista como se ele representasse verdadeiramente o povo russo. E este, votado ao abandono, via chegada a hora das trevas...

Mas ainda agora o povo não está vencido, mas sòmente reduzido ao silêncio, obrigado a esperar o socorro de Deus, como e quando Ele se dignar enviá-lo.

* * *

A mais importante das nossas interrogações versava o tema delicado da união das Igrejas. E perguntámos:

— Não poderemos observar na Igreja Ortodoxa tendências para a união a Roma?

Onde se notam mais? No clero ou entre o povo?

— «Há duas correntes de opiniões: *O alto clero e as autoridades*

eclesiásticas pensam que a união é irrealizável neste mundo. É uma questão com que não vale a pena a gente preocupar-se... Harmonia total só poderemos alcançá-la no outro mundo. Cá na terra hão-de existir sempre oposições e desunião. Esta opinião é pràticamente a do Patriarca e dos Metropolitas.

Baixo clero, Bispos, simples sacerdotes e fiéis pensam absolutamente o contrário. Julgam tratar-se de um problema da máxima importância que é preciso ter em conta; e querem empregar toda a diligência para mais ràpidamente o resolverem, porque se trata de uma questão de vida ou de morte.

Conheço ambas as opiniões por experiência própria. Vivi e trabalhei com os partidários das duas correntes. Para mim já resolvi o problema.

Quando vim da Rússia para a Alemanha continuei a manter — como foi sempre minha intenção — um contacto íntimo com a gente humilde e simples do meu país que também se tinha refugiado. Um dia vieram ter comigo para rezarem um pouco em comum e respondi que iria fazer o possível... mas não tínhamos Igreja. E a meu pedido puseram à nossa disposição a igreja latina do local onde nos encontrávamos. Celebrei lá a Santa Missa.

Logo o Metropolita Anastácio se levantou contra mim e disse aos fiéis: «O Bispo Pavel está a proceder mal. Está a enganar-vos. Celebrou num altar latino sem ícone (1). Até rezou pelo Papa de Roma. Certamente quer encaminhar-vos para Roma...».

No Domingo seguinte, depois da Missa, os fiéis deram a entender que queriam falar comigo e repetiram-me as palavras do metropolita.

E eu respondi:

— «Meus filhos, por acaso veio convosco algum ícone? Ou trouxestes convosco alguma igreja? Não. E por enquanto não estamos em condições de poder construir uma. Os nossos irmãos cederam-no-la, pelo Amor de Deus. Porventura não havemos de aceitar e servirmo-nos dela?

E no estado actual das coisas, porque não havemos de rezar pelo Papa?». Deram-me razão e não modifiquei a minha maneira de proceder.

Em 10 de Maio de 1946 realizava-se em Munich um Congresso de todos os Bispos Russos Ortodoxos, sob a presidência do metropolita Anastácio.

---

(1) Imagem da Virgem diante da qual se celebra o Santo Sacrifício da Missa.

Pedi a palavra para falar na união das Igrejas. O metropolita não quis dar-ma. E os outros Bispos exclamaram: — «Mas porque não? Ele também tem o direito de falar! Aqui somos todos irmãos. Ninguém tem direitos sobre qualquer de nós. O Bispo Pavel é um homem sério, ele deve falar!».

E eu falei. E disse: «Não está certo que se deixe por resolver uma questão tão importante. Porque é um problema importantíssimo e podemos resolvê-lo.

Perguntemo-nos sinceramente: — «Que disse o Senhor?» — «Que haja apenas um só rebanho e um só Pastor». O desejo que o Senhor manifestou na véspera da Sua Paixão tem de ser realizável. Não sei bem como há-de sê-lo, mas insisto por que se tome a resolução de estudar a sério a questão».

Neste momento o Metropolita levantou-se dizendo que já era tempo de encerrar a reunião para irmos almoçar. Durante a refeição, alguns velhos amigos, Bispos como eu, vieram ter comigo:

— «Toma cuidado, Bispo Pavel, olha que o Metropolita tem qualquer coisa contra ti. Está a prepará-la...».

A seguir ao almoço continuou a reunião. O Metropolita estendeu-me logo uma declaração escrita: — «Tem de assinar esta declaração segundo a qual se compromete a não falar mais no assunto».

Respondi: «Não posso assinar. Nunca assinarei. Dessas declarações já os bolchevistas me apresentavam muitas. Todas as semanas havia qualquer coisa para assinar... Ora isto aqui não é nenhum Comando da Polícia, é uma assembleia episcopal.

Ele retorquiu: «É preciso assinar já».

E eu repliquei: «Preciso de rezar antes para saber como hei-de agir». Saí para rezar. E foi então que o Senhor me enviou uma graça especial de esclarecimento a dizer-me que não devia assinar.

E ao voltar declarei imediatamente: «Não assino».

Foi nesse momento que comecei a encaminhar-me para a união verdadeira e definitiva.

Devo dizer que esta questão pode resolver-se fàcilmente desde que haja amor; e enquanto não houver amor, nunca os russos serão capazes de encontrar-lhe a solução.

Aos russos basta perguntar: «Que disse o Senhor?» Porque para eles é este o argumento decisivo. Julgam que o Papa quer destruir a Ortodoxia

e que a Igreja Católica é uma intrusa. Por isso temos de lhes explicar e demonstrar que isto não é verdade, e que o Papa é um homem cheio de bondade.

* * *

Já a D. Angel Herrera e a Sua Eminência o Cardeal Gerlier tínhamos perguntado qual seria o mais terrível vício do mundo actual a impedir a expansão do Reino de Deus.

Gostaríamos de verificar a maneira de ver de um oriental.

— «O materialismo. A tendência para apreciar tudo sob este ponto de vista e a fazer dele critério de todos os valores.

O desejo egoísta de possuir sempre mais — aí deve estar, no meu entender, a origem de todos os males.

E deixem-me acrescentar que o Ocidente também comete um erro grave ao pretender explicar, analisar e dirigir tudo pela razão. Mas até a razão falhou. Deveríamos ter mais confiança no coração...».

— Porventura haverá bases naturais e humanas que nos permitam acreditar na próxima vitória de Cristo?

— «Não posso predizer nada. Estas coisas estão escondidas na vontade de Deus. Quanto ao povo russo só posso afirmar que espero a libertação num futuro próximo, porque ele já sofreu muito... Na Rússia ainda há esperança em Deus.

O povo sofreu, mas há ainda a Igreja das Catacumbas como testemunho de fé. E se foi por culpas suas que lançaram o meu povo na prisão, podemos esperar para breve o termo do castigo».

Sua Excelência Reverendíssima tinha vindo expressamente a Fátima. Por isso não deixámos de perguntar:

— «Como encaram os russos a mensagem de Fátima e a conversão da Rússia?».

— «Não tenho a mínima ideia. Porque nem sei mesmo se eles conhecem a mensagem de Fátima. Posso dizê-lo por mim próprio que só a conheci em 1946.

Tenho a certeza de que são muito poucos os russos que a conhecem.

É preciso não esquecer que as autoridades civis têm as mais fortes razões para detestar esta mensagem.

É preciso não esquecer que o povo vive numa prisão diabólica.

É preciso não esquecer que há uma cortina de ferro!

F. C. — A. J.

A União das Igrejas

É já lugar comum denunciar o mal avassalador do mundo moderno — o ateísmo militante. Não é, todavia, demasiado, ainda, insistir na verificação do perigo e, sobretudo, calcular e adestrar forças para o combate.

A Igreja não cessou, ainda, de tocar a reunir, em inquietação constante de mãe que pressente o perigo e procura livrar dele os seus filhos.

A Igreja toca a reunir — e o som da sua voz, de quebrada em quebrada, vai ecoar nos confins do mundo, onde quer que haja uma alma cristã.

Bem está, pois, nos seus sentimentos a semana dedicada à União de todos os que professam a fé em Cristo, união esta não de compromisso para a verdadeira Igreja que tem promessas de assistência e de verdade até ao fim dos séculos, mas de retorno humilde e confiante das ovelhas tresmalhadas, dos filhos que abandonaram a casa materna.

A Unidade! Quanto Cristo a desejou e a impôs como verdadeiro sinal da Sua Igreja! «*Pai Santo, guarda-os em Teu nome para que* ***sejam Um como Nós somos Um...*** *Rogo também por aqueles que pela sua palavra acreditarão em Mim, para que* ***todos sejam Um*** *como Tu, Pai, em Mim e Eu em Ti; e eles* ***sejam Um em Nós...*** *Entreguei-lhes a luz que Me tinhas dado para que* ***sejam Um como Nós somos Um.*** *Eu neles e Tu em Mim* ***para serem consumados na Unidade***» (1).

A Unidade de fé, culto e de regime, com que insistência Cristo a ensinou!! A Sua Igreja é um reino... um rebanho (2)... — tem portanto uma unidade social como verdadeira característica (3). Assim o entendeu o grande apóstolo dos gentios, ao escrever: «um só corpo e um só espírito,

(1) Jo. XVII-11, 20-23.
(2) Mt. IV-7; VI-33; VIII-11-12; X-7; XIII-24, 31, 33, 44 e seg.; X-6; XV-24; Lc. XV-4 e segs.; Jo. X...
(3) Ut credat mundus, Jo. XVII-21,23.

como fostes chamados a uma só esperança» «Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo... E Ele (Cristo) a uns constituiu apóstolos, a outros, profetas, a outros, evangelistas, a outros pastores e doutores... para a edificação do Seu Corpo, até que Lhe vamos ao encontro *em unidade de fé!!*» (Ef. IV, 4-13). «Sendo muitos, formamos *um só corpo,* nós que participamos de um só pão» (4).

Para S. Paulo a união é tão necessária que, por vezes, lhe parece ordenada a própria caridade (Ef. IV, 2-3). As duas realidades resumem-se, afinal, numa só.

A necessidade da união ressalta, pois, claramente, da Escritura, interpretada nesse sentido já desde os primeiros tempos.

Sabe-se a importância decisiva hoje atribuída por muitos ao ensinamento dos Santos Padres. Vivendo nos primeiros séculos, discípulos dos apóstolos ou de seus imediatos sucessores, estavam perto das fontes, conheciam os factos pela tradição viva; mas os próprios que procuraram acolher-se-lhes à sombra para menos prezarem a unidade social da Igreja, recuam confundidos (5).

É S.to Inácio de Antioquia a dizer-nos que «os que são de Deus e Jesus Cristo estão com o bispo», com a hierarquia. «Os que voltarem à unidade da Igreja, viverão segundo Jesus Cristo. Quem fizer um cisma não consegue a herança do reino divino...» — Poderíamos desejar maior clareza de ensino num tempo (107) em que não tinham surgido ainda as dissenções que haviam de rasgar a «túnica de Cristo»?

O mesmo afirma, no segundo século, S.to Ireneu: «A Igreja espalhada por todo o mundo guarda esta doutrina (que atrás expõe) como que habitando a mesma casa; crê nela como tendo uma só alma e um só coração, prèga-a e ensina-a como tendo uma só boca...».

Mais claro ainda é o testemunho de S.to Optato contra P. Donatista: «Não podes negar que sabes que o primeiro a governar a sede episcopal de Roma foi Pedro, *cabeça de todos os Apóstolos,* pelo que se chamou Cephas; para que assim *havendo uma só sede fosse guardada a unidade* ***e nem os restantes apóstolos defendessem cada um as próprias sedes,*** sendo *cismático* e pecador *quem colocasse outra em igualdade com esta*

(4) I Cor. X, 17 Cf. id. XII-13-15 Ef. IV-15 e segs. Rom. XII-5 e segs.
(5) Seria longo citar todos os textos dos Padres da Igreja em abono da unidade. Limitar-nos-emos quase exclusivamente a citações sobre a unidade de regime — fundamento da unidade de fé e de culto.

sede singular. A sede única que sobressai em dotes, governou-a primeiro Pedro». — E de tanto valor é este testemunho que o grande bispo de Hipona para ele apelou no seu tratado da unidade da Igreja.

S. Cipriano, cujos textos dão aso, por vezes, a falsas interpretações, afirma também a necessidade da união que afinal se não compreende negada a doutrina do primado.

Seja-nos lícito citar, ainda, o pensamento claro e preciso de S. Jerónimo ao afirmar: «sobre Pedro se funda a Igreja... Foi escolhido um só entre doze para que constituído como cabeça, se remova toda a ocasião de cisma». E S.to Ambrósio: «onde está Pedro, aí está a Igreja» (6).

A unidade da Igreja!... como estamos bem longe de a encontrar nas igrejas dissidentes, protestantes ou «ortodoxas». Nas primeiras, quem não sabe o que vai de subjectivismo com o princípio da livre interpretação?? (7). Nem eles mesmos pretendem possuir a unidade social mas só mística — longe do ensinamento do Mestre: *«ut credat mundus»;* e como há-de ele chegar à crença através duma unidade exclusivamente espiritual que não pode examinar?!

As igrejas «ortodoxas» (ao todo 15) desconhecendo voluntàriamente há tanto tempo as verdades que Cristo nos ensina ao longo dos séculos pelo Seu Magistério perene, não são menos uma sombra escura no quadro de luz que o divino Artista continua a pintar no mundo! Como poderão ter unidade pois que são igrejas nacionais juntas ou afastadas à mercê dos acontecimentos políticos?!

A verdadeira unidade, o sonho da última noite que Cristo passou no mundo antes de terminar o drama da Redenção, existe, apenas, pela claridade de uma só fé, pela grandeza dos mesmos ritos essenciais, pela certeza e infalibilidade do mesmo Pastor, na Santa Igreja Católica. Ela é a única que guia os seus filhos sob um úunico pendão, que os arma com o único gládio da verdade, que lhes revela o único e verdadeiro Cristo em toda a Sua vitalidade perene a governar a Igreja, a preservá-la do erro, a encaminhá-la no bem, ontem, hoje e pelos séculos.

(6) Vid. Ignatius Antioch; Ep. ad Philadelph; Irenaens, adv. haereses.; Cyprianus, ep. Florentio; Optatus Milevitanus, c. P. Donatistam; Augustinus, De unitate ecclesiae; Hieronymus, adv. Jovinianum; Ambrosius, in Ps. 40, n.º 30. J. 56, 1242, 1648 cf. ibid. 93, 188, 241, 297.

(7) Engraçada doutrina limitada por um rio, diria Pascal; verdade aquem dos Pirineus e erro além!

«Se a Igreja não é senão a união de Deus ao Homem e do Homem a Deus, em forma social, como poderiam existir várias Igrejas ou haver divisões no seu seio?... significaria pluralidade em Deus ou pluralidade no Homem, nas suas relações com Deus. Se Deus é um e o Homem o é também em Cristo, para se unir a Deus não pode haver senão uma Igreja» (8).

Que a voz e a graça de Jesus se façam sentir pelos caminhos desviados e perigosos onde erram tantos irmãos nossos, e o mundo venha a cantar, num só coração e numa só voz, o louvor perfeito da Santíssima Trindade a que foi chamado.

J. C.

(8) A.-D. Sertillanges — «L'Eglise», I vol. 7.ª ed., p. 92.

CRÓNICA

Visitante ilustre

É um dom de Deus a nossa excelente posição geográfica. Altas personalidades da Igreja com destino a países remotos aproveitam os momentos de espera no Aeroporto para nos fazerem uma visitinha.

Por vezes demoram-se um pouco mais, deixam-nos muito da sua experiência.

Foi o caso do Rev. D. Plácido, Reitor do Seminário Maior de Salamanca e do Colégio de S. Carlos Borromeu. O Colégio alberga alunos de 41 dioceses diferentes, mas «o ambiente é estrictamente diocesano e cada seminarista permanece estreitamente ligado à sua Diocese».

Sua Reverência mostrou interesse pelas Obras Culturais do Seminário e falou-nos de um sem número de obras desse género em Salamanca, para evitar que os universitários vivam sempre encafuados na alta intelectualidade, sem descer ao apostolado.

Obras para todos os gostos e feitios: Associações Recreativas e Culturais, Academias e Círculos de Conferências sobre Liturgia e Música. Para despertar o interesse por certas disciplinas realizam-se Semanas de Direito Canónico, de Teologia e de Ciências Bíblicas. E está a nascer um Instituto de Espiritualidade, à semelhança do que quis levantar no Colégio Angélico o Padre Garrigou-Lagrange.

Uma revelação preciosa: «Sou sacerdote operário. Estamos encarregados de quase todos os Seminários de Espanha.

A Constituição Apostólica «Provida Mater», a regular a situação dos Institutos Seculares, apareceu em 1947. Mas só em 8 de Dezembro de 1951 é que o nosso Instituto foi oficialmente reconhecido pela Santa Sé.

Somos diocesanos. Em Espanha há muita gente que deseja Institutos Seculares interdiocesanos. A mim parece-me que estes teriam problemas graves a resolver, como, por exemplo, o da jurisdição».

*

Sobre a vida comunitária do Clero Diocesano também ouvimos uma opinião autorizada: «É muito vantajosa para a vida pessoal e apostólica. Não nego que seja difí-

cil... exige grande exercício de virtudes, sobretudo a abnegação...

Nas cidades parece-me muitíssimo recomendável. Mas não digo o mesmo para os meios rurais. Os fiéis gostam que o sacerdote viva com eles. E dificilmente persevera um povo onde não reside o sacerdote».

E Sua Reverência começou a profetizar:

«Estamos a caminhar para uma vida melhor... Está a ser aperfeiçoado o antigo conceito «*feudal*» de Paróquia. O concurso para prover as Paróquias parece-me um tanto afastado do conceito «*apostólico*» de Paróquia.

Os sacerdotes começam a fazer votos nas mãos do Bispo, dispostos a obedecer integralmente. E os seminaristas já não pensam tanto em Paróquias mais ou menos rendosas...

Graças a Deus. É a actuação visível do Espírito Santo na sua Igreja. A nova geração está a trazer uma renovação desconhecida...

Nesta missão de despertar consciências distingo em especial o papel importantíssimo do Padre Lombardi, dos maiores apóstolos do nosso século».

E Sua Reverência seguiu viagem para o México, onde vai preparar o terreno para os sacerdotes espanhois que serão enviados num futuro próximo.

Na Academia

Mais um tema de actualidade flagrante: a «Narcoanálise».

Desenvolveu-o o académico Vítor Robert dos Santos, começando por um pequeno apanhado histórico.

E seguidamente:

I — O emprego da Narcoanálise em «Medicina»:
— como se faz a narcoanálise
— em que casos é mais recomendada
— será lícita, atendendo aos meios usados?

II — O seu emprego em «Criminologia»:
— existe o direito ao silêncio?
— será o uso da narcoanálise uma violação desse direito?
— quais as consequências da sua divulgação em Criminologia?

Algumas dúvidas surgiram sobre pontos concretos do sigilo profissional. Por fim o Rev. P.e José Honorato Rosa solucionou as dificuldades e apresentou problemas novos que estão a levantar-se a cada instante num campo ainda pouco compreendido e explorado.

*

= A convite da Academia de Santo António, o conhecido declamador Maurício de Beja Filipe presenteou-nos com um bom recital de algumas das melhores poesias da nossa Literatura.

O artista verdadeiro é o que deixa sugerir e assim nos faz comungar na sua maneira de sentir o mundo.

Artista declamador é o que nos faz vibrar com poesias repassadas através do seu temperamento privilegiado.

E o talento de Beja Filipe revelou-se-nos em composições do género mais diverso, desde a sátira social de Bocage e Fernando Vieira até ao lirismo tão português do P.e Moreira das Neves e de Camões.

*

Não se julgue que ficou parada a Secção de Filosofia.

Em 16 de Dezembro, António Augusto Saraiva Leitão apresentou alguns princípios da Moderna Arquitectura Religiosa, com breve resenha histórica.

E no intuito admirável de «dar a conhecer o Seminário aos seminaristas, Guilherme Augusto Braga deu-nos em breve apontamento, a vida e obra de João Carlos, o autor da «Ceia do Senhor» em exposição no nosso Refeitório.

Fazemos votos por que o programa continue a realizar-se noutros campos...

= Já muita gente andava por essas Catequeses fora a organizar as festas do Natal quando a Secção de Filosofia levou a efeito uma sessão especialmente dedicada ao Nascimento do Menino Jesus.

Um seminarista terceiro franciscano, Artur Rodrigues, evocou as origens seráficas do Presépio.

Armando Aparício apresentou um sem número de composições populares inspiradas no Natal do Senhor.

Por fim, um animado concurso de quadras e canções de alguns seminaristas ali presentes.

E não faltou material aproveitável...

A. J.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS E TODOS OS ARTIGOS
LIVROS RELIGIOSOS PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA
Casa fundada em 1866
SOUSA TAVARES, L.DA
220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.
Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário
Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO
Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

Tudo quanto o espírito português produziu de melhor nos domínios do PENSAR — do IMAGINAR — e do SENTIR
apresenta

a COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Entre outras estão publicadas as seguintes obras:

Fr. Luis de Sousa, Anais de D. João III, 2 vols. e Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, 3 vols; **Fr. António das Chagas,** Cartas Espirituais; **Fr. Heitor Pinto,** Imagem da Vida Cristã, 4 vols.; **Diogo Bernardes,** Obras Completas, 3 vols.; **Frei Amador Arrais,** Diálogos; **Padre António Vieira,** Obras Escolhidas, 12 vols. de que estão publicados os seguintes: Cartas, 2 vols.; Obras Várias: I. Política, II. Os Judeus e a Inquisição, III. Em defesa dos índios. — A publicar brevemente: Obras Várias: IV. Estudos Proféticos, V. Vária; Sermões, selecção, 4 vols.; História do Futuro, 1 vol.

Cada vol. br. 25$00, encadernado 35$00. Tiragem especial, numerada e rubricada, em papel Leorne, 90$00.

Facilidades de pagamento para os compradores da Colecção completa.

Peça o plano da Colecção que se envia grátis.

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
RUA GARRET 100-102 — LISBOA

CASA
AMÉRICO FÂNZERES
OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS. ARTIGOS DE METAL.
RUA DO SOUTO, 134 — BRAGA
TELEFONE 2704

MÁRMORES E CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

SACOR
A SACOR *é uma indústria nacional.*
Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses
COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES
Capital: 50 milhões de Escudos
Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

Assinaturas pagas directamente:

1951

P.e Manuel Narciso Alves
P.e Manuel Afonso
D. Ana Guerra
D. Maria Natividade da Silva Belo
D. Maria de Jesus dos Santos Rodrigues
José Rola Pereira
Manuel Fróis Gil Ferrão
Abílio Martins
Fernando Carlos de Cais Fernandes

1952

Monsenhor Francisco Maria Félix
P.e Domingos José da Costa Araújo
P.e Manuel Heitor
P.e Bernardino José Teixeira
P.e António Baltazar Faria
P.e Manuel de Jesus Rodrigues
P.e José Nunes do Casal
Condessa de Azambuja
D. Lydia Maia Cabeça
Condessa do Restelo
D. Maria Amália de Carvalho (Pombal)
D. Josefina Morales de los Rios Fróis
D. Raquel Perestrello de Vasconcellos
D. Maria Francisca Perestrello de Vasconcellos
D. Maria Henriqueta Perestrello de Vasconcellos
D. Maria Luiza da Graça Vanzeller
D. Maria da Conceição Vanzeller Gil
Lope Castaño Piriz
Manuel Inácio Rodrigues
Fernando Tomás Cavique dos Santos

CASA PORTUGUESA
Grandes oficinas gráficas
Composição mecânica
RUA DAS GÁVEAS, 103
TELEFONES P. B. X. 21271-27817
LISBOA

A TOSSE



VOA

COM

BENZO-DIACOL